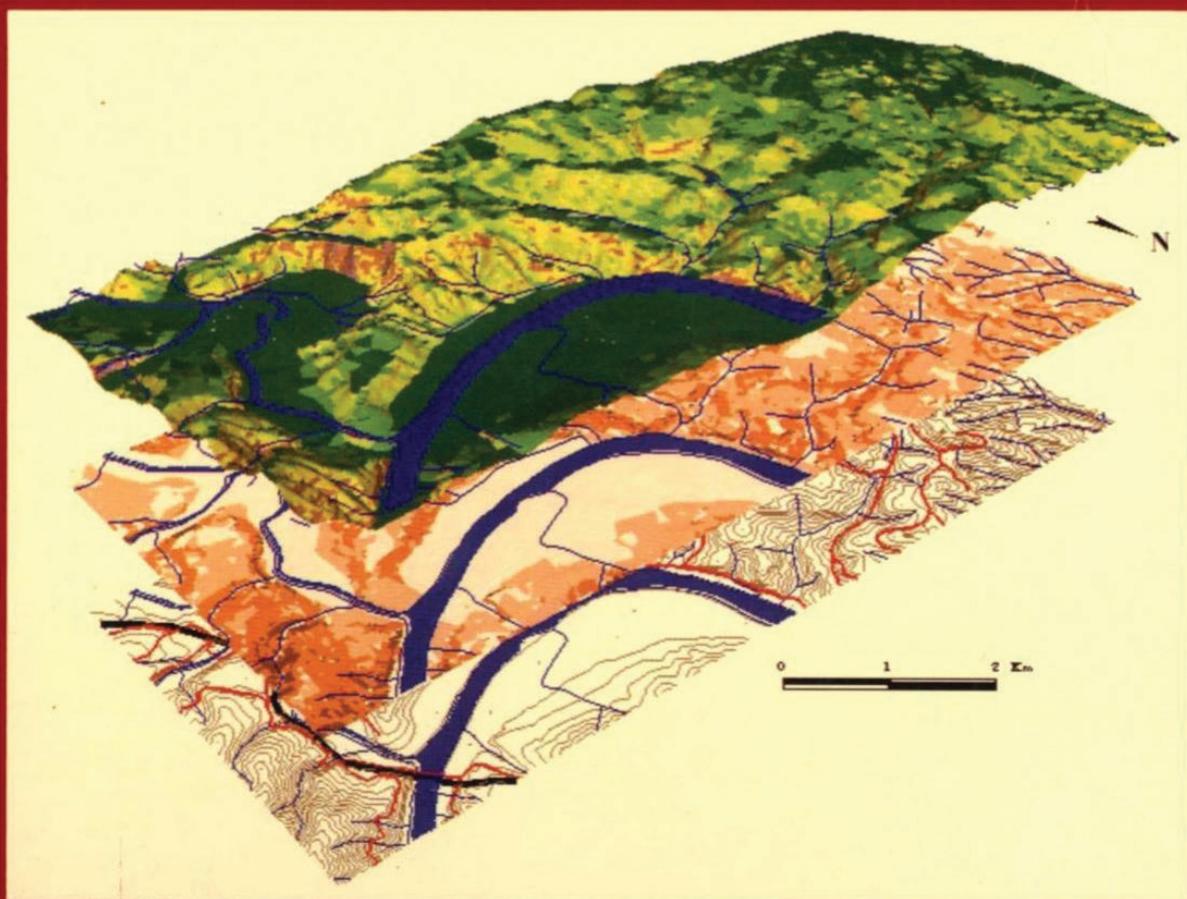


CADERNOS DE GEOGRAFIA

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS

FACULDADE DE LETRAS · UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA 2000 N.º 19



LITERATURA E GEOGRAFIA: Outras viagens, outros territórios.
EMIGRANTES de Ferreira de Castro

Fernanda Delgado Cravidão*
Marco Marques**

RESUMO

Em Portugal não tem sido muito frequente a investigação geográfica tendo por base a produção literária. A exceção de maior relevância encontra-se no domínio da Geografia Histórica, onde não sendo numerosos, são vários os trabalhos produzidos.

O trabalho que agora se publica, com base na obra de Ferreira de Castro *Emigrantes*, está na sequência de outros já elaborados e que radicam no pressuposto de que a literatura constitui um vasto campo onde o geógrafo pode encontrar, quase sempre em espaços ficcionados, percursos sociais, cenários económicos e culturais que o podem ajudar a compreender as relações, quase sempre complexas, entre a população e o território.

Palavras-chave: Brasil. Emigrantes. Geografia e ficção.

RÉSUMÉ

Au Portugal, la recherche géographique basée sur la production littéraire ne se fait pas très fréquemment. La plus importante exception en cette matière se trouve dans le domaine de la Géographie Historique où, bien que peu nombreux, il y ait eu quelques travaux produits.

La publication de ce travail basé sur l'œuvre de Ferreira de Castro, *Emigrantes* (Les Emigrants), est le prolongement d'autres travaux déjà élaborés qui partent du principe que la littérature constitue un vaste domaine où, presque toujours dans la fiction, le géographe peut trouver des parcours sociaux, des scénarios économiques et culturels qui peuvent l'aider à mieux comprendre les relations, presque toujours complexes, entre la population et le territoire.

Mots-Clés: Brésil. Emigrants. Géographie et fiction.

ABSTRACT

It is rare in Portugal for geographical research to be based on a literary work. The most significant exception to this can be found in the area of Historical Geography where several, though not a great many, works have been produced.

The work now being published, based on the work of Ferreira de Castro, *Emigrantes*, is one of a series, which are based on the assumption that literature comprises a vast field, where geography may find (almost invariably in fictional spaces) social trajectories, and economic and cultural scenarios that can help towards understanding the nearly always complex relations between population and territory.

Key-words: Brazil. Emigrants. Geography and fiction.

* Centro de Estudos Geográficos. Universidade de Coimbra. Este texto tem por base uma comunicação apresentada no Simpósio Internacional *500 Anos de Descobertas Literárias*, organizado na Universidade de Brasília, de 28 de Março a 4 de Abril de 2000.

** Geógrafo. Professor do Ensino Secundário.

E formavam, assim, o êxodo, pobres de tudo, mas peçados de visões douradas rodando, rodando, até ao mar e deixando atrás de si o solo que daria pão, para irem, fecundar a terra feiticcira.

(*Emigrantes*, p. 33)

1 – Introdução

O Geógrafo não tem a exclusividade do território. Outros o lêem, o descrevem, o cantam, o pintam, o filmam, o tocam... O geógrafo deve saber aproveitar estas e outras formas de o olhar, para assim melhor o reflectir, melhor o entender, melhor o explicar. Contributos, que certamente, lhe permitem alargar não só a sua formação, como sobretudo podem ajudar a abrir novos caminhos no sentido de o ordenar e planear.

O recurso a outras áreas científicas tem sido, desde há muito, uma prática na Geografia. Porém, quase sempre áreas, cuja afinidade ninguém questiona. Quantas vezes a Geografia Física recorreu aos postulados da Geologia, da Biologia, da Física ou da Química? E a Geografia Humana quantas vezes utilizou, como contramoldes a Sociologia, a História, a Economia ou a Antropologia? Inúmeras. No entanto, áreas como a Literatura, a Psicologia ou as Artes, têm sido pouco utilizadas, ainda que nos transmitam outros modos de perceber o(s) território(s). Isto é, o mesmo objecto pode ser olhado e entendido de formas diversas, que se não excluem, antes se complementam.

Por outro lado, é indiscutível que o campo da Geografia é a paisagem ou espaço em sentido genérico, mas tal como afirma CLAVAL (1987), "não nos devemos esquecer que a Geografia Humana não resolve os problemas que a descrição do mundo levanta, senão com condições de fazer um grande percurso pela abstracção".

Será que nos é difícil reconhecer que os escritores, os poetas, os cineastas, os escultores, os pintores poderão ser à sua maneira geógrafos? Como afirma Rui JACINTO (1995), "quando lemos algumas obras, consultamos certas monografias ou contemplamos certos quadros, somos levados a pensar que a produção geográfica pode não ser exclusiva dos encartados no ofício de geógrafo. Serão aquelas obras meros instrumentos de consulta e contemplação ou corresponderão a outros modos de exprimir a mesma realidade, embora utilizando métodos e seguindo regras diferentes para analisar o mesmo objecto?". E o Cinema não será ele também uma fonte onde o geógrafo pode encontrar outros olhares dos territórios? Dos territórios físicos, dos territórios sociais, dos territórios culturais... O realizador alemão Win Wendwers pode ser considerado um cineasta de cidades. Num dos seus filmes -

Alice nas Cidades (1974) - podemos percorrer os lugares, "inventariar a estranheza inevitável e as surpreendentes intimidades que passam entre os seus habitantes, a sua luz e os seus sons (...) são memórias cruzadas de um cineasta para quem o gesto de filmar se enraíza numa geografia feita de mapas puramente interiores, porventura secretos" (LOPES, 1995). E a grande janela sobre a sociedade que é a Janela Indiscreta de Hitchcock?. Se procurar-mos a mais recente produção cinematográfica portuguesa deparamos, também, com um conjunto de fitas cujas histórias se centram em populações das periferias urbanas, frequentemente ligadas a minorias étnicas, e onde um fenómeno tão actual como a exclusão social, é dominante.

Neste vasto cenário, para continuar a utilizar uma linguagem cinematográfica, a Literatura pode nem sempre ter o papel principal, mas seguramente é uma fonte inesgotável de investigação geográfica.

Como afirma A. GIRÃO (1952) "nenhum geógrafo evocou melhor as estepes russas que Tolstoi, nem a região cheia de sol da Provença teve melhor intérprete que Mistral, nem as áridas planícies manchegas mais genial que Cervantes". Quem melhor que GARCIA MARQUEZ nos deu a conhecer Macondo, isto é, Arataca cidade natal do escritor. Será que a leitura da obra de Euclides da Cunha *Os Sertões*, não nos permite construir, mentalmente, aquele território? Podia continuar a dar exemplos.

Também a "literatura portuguesa é particularmente rica em obras que permitem reconstruir geografia de lugares, grupos sociais, percursos, modos de ocupação do espaço. Isto é um conjunto de fenómenos que com maior ou menor expressão têm marcado a sociedade portuguesa" (CRAVIDÃO, 1992). De Eça de Queirós a Miguel Torga, de Fialho de Almeida a Vergílio Ferreira, de Carlos Oliveira a João de Melo, são alguns exemplos dos muitos que podiam ser referidos.

Vou reter-me em Ferreira de Castro. "E quando o ingénuo conseguia triunfar (...) e descia sorridente e perturbado pelo contacto com o mundo urbano, a caminho da terra nativa (...) lá estava Macedo com os colegas e as suas hospedarias, que o haviam explorado na subida e agora o exploravam muito mais ainda... De um dia para o outro, o seringueiro de 'saldo' (...) via-se sem nada e sem saber como o haviam despojado" *Emigrantes*.

Ferreira de Castro nasceu no concelho de Oliveira de Azeméis (1898-1974) e toda a sua obra é profundamente marcada pela pobreza em que viveu devido à morte prematura de seu pai. A emigração para um seringal da Amazônia foi o percurso escolhido. Igual a muitos milhares de portugueses que "viam" naquela região brasileira o sonho realizado.

Porquê Ferreira de Castro? Pela forma como escreve. A partir da sua linguagem simples, sem ser simplista, quase completa ausência de artificios ao nível da narrativa técnica, é possível descodificar o seu texto e fazer dela quase um mapa. Um mapa geográfico, onde se vê a paisagem, onde por vezes se lhe sente o cheiro, se lêem as cores, onde se deslocam personagens vivas, onde se ouvem as conversas, os encantos e os desencantos. Mas é também, por isso mesmo, um autor que retrata o país. A sua tarefa de trazer o povo ao primeiro plano do romance oferece à investigação esse mesmo povo como elemento principal, vivo e participante: aquele que emigra para o Brasil e se embrenha na floresta e é por ela quantas vezes sufocado (*A Selva*); o jornaleiro contrabandista que sofre nas terras do Barroso (*Terra Fria*) ou o trabalhador agrícola que já casado e com a filha em idade de casar emigra para o Brasil e volta de lá mais pobre e sem mulher (*Emigrantes*).

E, também, porque, provavelmente, só o inquietante mundo em que viveu quando emigrou para o Amazonas, em 1911, com pouco mais de 12 anos de idade, para trabalhar num seringal, dotaria José Maria Ferreira de Castro da capacidade de mostrar e, o modo como o fez, a vida das classes sociais mais desfavorecidas. "Teve uma aprendizagem pouco comum entre escritores portugueses: foi seringueiro no Brasil, o que significa pouco mais que escravo numa plantação de borracha".

A última razão prende-se com a situação particular de estarmos num congresso internacional, que tem como objectivo comemorar o achamento do Brasil, com o tema geral *500 Anos de Descobertas Literárias*.

2. A Leitura Geográfica de *Emigrantes*: da ficção à geografia.

O Brasil desde há muito que constitui um espaço de chegada da população de quase todo o Mundo. Os portugueses integram, também, esta grande diáspora que transformou o Brasil num mosaico de culturas que tem a união a mesma língua - o português. Por razões que a História ajuda a compreender, a Sociologia, a Economia e a Geografia, entre outras áreas, permitem clarificar, o Brasil foi e é um território mítico, um espaço de ficção. Não foram suficientes as inúmeras publicações que têm atravessado todo o século XX para desmistificar o mito que as terras brasileiras ainda hoje representam no imaginário de muitos portugueses.

Ferreira de Castro, ao longo da sua vasta obra, frequentemente aborda este tema. Os retratos que nos dá em *Emigrantes* ou em *A Selva* constituem, talvez, os melhores exemplos.

Em *Emigrantes*, e tal como o título indica, a temática centra-se na emigração, na história dos episódios marcantes de um interveniente, igual a tantos outros, no longo período de emigração para o Brasil. Manuel da Bouça, é o personagem principal. Este homem ficcionado, através do qual o escritor Ferreira de Castro parece ter feito a revisão ou a reconstrução do seu próprio percurso social e económico de emigrante, aparece-nos com um apelido que nos remete, quase forçosamente, para a infelicidade: bouça "solo que só cria mato, ou terreno onde se cria mato entre arvores". Na verdade, este nome constitui, talvez, uma metáfora que nos despertou gradualmente para a compreensão ou a impressão de que a personagem tinha imanente algum fatalismo. O final da história vem confirmar isso mesmo. Este personagem revela-se semelhante a tantos outros casos de emigrantes que não tiveram êxito e que vários documentos demonstram.

Por exemplo no Relatório elaborado a propósito do *Primeiro Inquérito Parlamentar sobre a Emigração Portuguesa* afirma-se "...A sociedade portuguesa de beneficência no Rio de Janeiro diz em officio de 17 de Julho de 1872 (...) que o número de pessoas socorridas na classe dos emigrantes nos dez annos últimos foi de 18.162, isto é, 36 por cento do número total dos que entraram no Rio de Janeiro no mesmo período." E mais adiante acrescenta o mesmo Relatório: "Emigrantes para o Rio de Janeiro 49.610. Repatriados pela beneficência (...) 4000; repatriados voluntariamente em más condições 2000; mortalidade no mesmo período 11.000."

2.1. *Quem emigra e porquê?*

"Biógrafos que somos das personagens que não têm lugar no Mundo, imprimimos neste livro desprezível história dos homens que, sujeitos a todas as vicissitudes provenientes da sua própria condição, transitam de uma banda a outra dos oceanos, na mira de poderem, também, um dia, saborear aqueles frutos de ouro que outros homens, muitas vezes sem esforço de maior, colhem às mãos cheias" in *Pórtico*, pp. 14-15.

H. LAUTENSACH notava em 1932, quatro anos após *Emigrantes* ter tido a sua primeira edição, e 21 passados sobre a ida de Ferreira de Castro para o Brasil, que "cerca de metade dos emigrantes são camponeses ou trabalhadores agrícolas (...) a emigração dirige-se principalmente, como se sabe, para os países da América do Sul, sobretudo para o Brasil. Este país absorve três quartos dos emigrantes (...)" (O. RIBEIRO, H. LAUTENSACH e S. DAVEAU, 1987).

"Eram as gentes das comunidades rurais a esmagadora maioria dos que emigravam na 2ª metade do século XIX e na 1ª do século XX, mas podia-se também encontrar

empregados do comércio, uma vez que (...) os fluxos de então alimentavam-se, em boa medida, desta categoria social, uns provenientes da agricultura, outros associados ao comércio e aos serviços pessoais" (FERRÃO, 1996).

Mesmo aqueles que tinham algumas terras, poucas, não hesitavam em olhar para o longínquo Brasil com o objectivo de melhorar o seu nível de vida. Assim sucedeu a Manuel da Bouça: "Mas, para lá do muro, os olhos de Manuel da Bouça já não podiam ver, com alegria, os campos que se estendiam, planos, bem regados, até próximo da Igreja Velha. Possuí-los, ser seu dono, semear e colher o milho que aloirava aos primeiros calores fortes, e no Inverno, a erva dos lameiros, que formava tapetes sempre húmidos, era o seu único sonho, a grande aspiração da sua vida." Tratava-se, no essencial, de homens e mulheres cujos rendimentos escassos, não davam para viver desafogadamente. Mas talvez, mais grave, o futuro que lhes estaria reservado seria não uma incógnita mas uma interrogação constante, onde a pobreza estaria, certamente, presente. Neste cenário não era difícil criar-se, em torno dos que regressavam, uma auréola que não só os fascinava, como também era a melhor prova que o Brasil era a terra promissora. Se recordarmos que segundo alguns autores cerca de 1/3 do total de emigrantes voltava mais pobre do que tinha embarcado, também o Brasil, foi para muitos um espaço de ficção.

Como afirmam O. RIBEIRO, H. LAUTENSACH e S. DAVEAU (1987) "os salários muito baixos condenam o homem simultaneamente ao espaço rude e à pobreza, o desejo de fazer economias na esperança de vida melhor, as histórias aliciantes dos que tiveram sorte e fizeram esquecer o fracasso de tantos, constituem o impulso que até aos mais remotos lugarejos, sacode a rotina da vida rural e aponta o êxodo como única redenção". Deste modo, compreende-se que a agricultura seja o último trabalho a exercer em terras do Novo Mundo. Ferreira de Castro pode-nos transmitir esse desejo através do diálogo que Manuel da Bouça trava, durante a viagem, com alguns dos seus companheiros:

"E Manuel da Bouça que nada percebera do discurso:

- Que é ?
- Que nos dão tudo, se quisermos trabalhar no campo.
- Ah! Tudo?
- Passagens e trabalho
- E o senhor vai?
- Eu? Não faltava mais nada do que vir ao Brasil para me agarrar à enxada".

O território brasileiro constituía como que uma ficção, sinónimo de sucesso, de riqueza, de bem estar. "Palavra

mágica, o Brasil exercia ali, um perene sortilégio e só a sua evocação era motivo de visões esplendorosas, de opulência, deslumbramento e vidas liberadas" afirma Ferreira de Castro.

Recorde-se que desde os primeiros anos do século XVI que nenhum outro país acolheu tantos indivíduos nascidos em Portugal como o Brasil. A exclusividade da Rota do Cabo e da Índia, dá lugar à necessidade de colonizar a imensidão da terra brasileira. Passando por ciclos diferentes, é com a abolição da escravatura, em 1888, que mais portugueses emigram e sobretudo cada vez mais pobres. No ano de 1866, 12 anos antes da abolição da escravatura, ano em que passou a ser obrigatória a contagem de emigrantes, o distrito de onde era natural Manuel da Bouça - Aveiro, registou um dos mais elevados índices do país, cerca de 2000 emigrantes, numa população de 223.000. O distrito onde o valor foi mais elevado foi o Porto com cerca de 3000, mas com uma população total de 500.000. A partir desta data o ritmo emigratório não só não cessa como sobretudo não pára de aumentar. Sempre o distrito de Aveiro com valores elevados. Entre 1888 e 1930, dois anos após a publicação de *Emigrantes*, o Brasil acolheu quase um milhão de portugueses. Para se poder ter uma ideia do que significou aquele fluxo migratório, basta dizer que a população portuguesa em 1911 situava-se em 5.960.000.

A partir da década de trinta, por razões diversas, a emigração para este território, como destino privilegiado, começa a declinar. No entanto, e para quem viu milhares de Registos de Passaporte, desde o último quartel do século XIX a 1974, se é importante referir que o Brasil é um destino cada vez menos procurado, em favor de outros territórios, é importante também afirmar que nunca o Brasil deixou de ser referenciado. Isto é, ainda hoje é uma referência permanente nos portugueses que emigram. Sem significado numérico, mas com um grande significado histórico, geográfico, cultural e simbólico.

Mas a obra de Ferreira de Castro - *Emigrantes*, permite-nos fazer outras viagens, onde os percursos são de natureza social. *Engajadores, Clandestinos e Brasileiros*, três palavras que andam, (con)vivem, com a diáspora portuguesa que rumou ao Brasil.

Os primeiros, quase sempre mal olhados, já que, constituíam uma rede subtil, que levava emigrantes e lhes tirava o dinheiro, que quase sempre os engana. *O Clandestino*, saía sem registo oficial, frequentemente por Vigo ou pelo sul de Espanha; os *brasileiros*, aqueles de torna viagem, ansiando das suas visitas para serem bajulados. Utilizando uma terminologia actual, constituíam o melhor "cartaz publicitário" da emigração brasileira. Ferreira de Castro mostra, ao longo do percurso literário, social e geográfico de *Emigrantes*, a importância daquela trilogia.

A propósito dos engajadores, também Manuel da Bouça, recebeu um incentivo do Sr. Nunes:

"— Vai tentar fortuna? Faz bem! Faz muito bem!. O Brasil é um grande país. Lá sabe-se apreciar o trabalho de um homem. Há já dez anos, que por meu intermédio tem ido para lá muita gente, e, até agora, que eu saiba ninguém se deu mal..."

Clandestinos iam muitos para o Brasil.

"Trémulos dando às palavras um tom de humildade reconstituíram ante as interrogações secas do britânico, a aventura do embarque... Com as suas últimas pesetas, entregues a pessoa conhecida conseguira entrar a bordo. Entrara com o parceiro e, quando a campainha tocou, avisando os estranhos de que chegara a hora de saída, deixaram-se ficar no magote de emigrantes recém-embarcados. Ignoravam como desembarcariam no ponto do destino, se não fossem descobertos durante a travessia: mas haviam-lhes dito que o vapor fundeava perto de terra e qualquer deles sabia nadar bem."

Do brasileiro todos gostavam. *O torna viagem* tinha por hábito espalhar a sua riqueza na terra onde era natural e pavonear que sua condição social já não era a mesma. Pela necessidade de se impor socialmente - recorde-se que quase todos tinham partido dos grupos sociais mais pobres e quase sempre hipotecado as suas pequenas leiras ao "senhor da terra", tinham necessidade, dizia, de ostentar a sua prosperidade através de construções - algumas vistas de grande mau gosto - mas que, em meu entender, marcam no território ou na paisagem, histórias da demografia portuguesa. Então construía a casa (do brasileiro), a Igreja e faziam questão que o seu nome ficasse ligado a um hospital ou escola. Estes constituía a imagem ainda que aqui resumida do brasileiro de sucesso. Os outros, esses ajudaram a construir a história, um país, mas não deixaram nome.

Manuel da Bouça simboliza os milhares de portugueses que a história não leu. Manuel da Bouça é um personagem colectivo. Manuel da Bouça representa, na minha leitura de geógrafa, o começo do fim de um mito. Manuel da Bouça representa os emigrantes que regressaram, mas não à sua terra natal, já que constituía a imagem de um Brasil desconhecido, onde afinal nem sempre acontecia como os *engajadores* e *brasileiros de torna viagem* faziam crer. Manuel da Bouça representa os portugueses que ao regressarem ficam numa qualquer cidade onde o navio que os transporta ataque. Lisboa foi para quase todos o cais de embarque e para muitos o último cais: o de

desembarque. O da desilusão. Manuel da Bouça regressou sugado, enfermo, envelhecido. Ainda voltou à terra de onde tinha partido, mas não conseguiu enfrentar a derrota. Voltou a Lisboa, onde a cidade o diluiu.

3. Conclusão

Nestas comemorações de 500 anos de Descobertas Literárias, julgo que o que importa salientar é que no final de cinco séculos o Atlântico não separa, mas une; que Portugal ao chegar ao Brasil projectou outros espaços culturais, onde quase sempre os caminhos se cruzaram e menos se separaram. Ajudou a construir um território onde não há uma cultura mas uma língua que une culturas diferentes e por isso esse território não é homogéneo, não pensa da mesma forma, não vive do mesmo modo e por isso também é mais rico.

Se a leitura de *Emigrantes* nos permite traçar alguns dos percursos trilhados pelos portugueses - quase sempre os mais difíceis, e entendendo-o como homenagem aos homens e mulheres que carregaram o insucesso, não esqueçamos que também houve espanhóis, italianos, eslavos... e houve também brasileiros, muitos.... Não fora essa forma de partilha e não sei se seriam comemorados os *500 anos de Descobertas Literárias*.

Bibliografia

- CASTRO, José Maria Ferreira de (1930)- *A Selva*. Guimarães Editores. 20ª ed. Lisboa.
- CASTRO, José Maria Ferreira de (1933) - *Eternidade*. Guimarães Editores. 10ª ed. Lisboa.
- CASTRO, José Maria Ferreira de (1934) - *Terra Fria*. Guimarães Editores. 10ª ed. Lisboa.
- CASTRO, José Maria Ferreira de (1988) - *Emigrantes*. Guimarães Editores. 24ª ed., Lisboa.
- CRAVIDÃO, Fernanda Delgado (1992) - "Ficção, espaço e sociedade: notas par uma leitura geográfica e social da obra de Alves Redol - Aviciros", *Cadernos de Geografia*, nº 11, IEG, Coimbra.
- JACINTO, Rui (1995)- "As outras geografias: literatura e as leituras do território", *Cadernos de Geografia*" nº 14, IEG, Coimbra.
- LOPES, Oscar (1995) - *A Busca do Sentido: questões de literatura portuguesa*. Ed. Caminho, Lisboa.